

LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

Existe matemática negra?

Na primeira aula, sempre pergunto “o que é a liberdade” e, sem exceção, alunos respondem que “liberdade é fazer o que se quer”. Durante anos, só ouvi essa resposta na primeira aula de Filosofia. Liberdade é conceito, não cabendo ou à literatura, ou à sociologia, ou à história, pensar o conceito para dar a ele consistência filosófica. Só, e tão somente, cabe à filosofia criar o conceito para que a ideia de liberdade não seja opinião pessoal.

Imagem criada com a IA One Image



Certa vez, na escola pública, uma aluna perguntou se eu não lecionaria “filosofia africana”, e disse-lhe que “não existe filosofia africana como não existe filosofia europeia”. Perguntei: “existe matemática negra e existe matemática branca? Assim como a matemática, não há filosofia do negro e não há filosofia do branco”.

Filosofia não é opinião. Nela, uma ciência em que a palavra recebe o mesmo raciocínio lógico que o número matemático recebe, e essa ciência é a metafísica, é onde a filosofia se serve do cálculo feito com palavras; é onde, assim como a matemática, não há opinião pessoal, porque a palavra, por meio da metafísica, adquire a condição de conceito. Conceituar é não opinar.

Tal como a liberdade, a luta é conceito e, em 20 de novembro, Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, comemora-se a imagem de um modelo de luta, o mesmo modelo que aparece nas cenas do filme “Malês”, do diretor Antônio Pitanga. Por outro lado, a luta de Luiz Gama se opõe a esse modelo, o mesmo de Zumbi, havendo, portanto, outra forma de combate em relação à injustiça étnica. Mas por que o modelo de Zumbi prevalece acima ao de Luiz Gama? Em que sentido as lutas de Zumbi e de Luiz Gama se diferem?

Na escola, jamais ouvi o nome Luiz Gama, quem considero herói nacional, exemplo de vida, cuja inteligência é incomum. Há muitos anos, tenho Luiz Gama como referência de quem expressa ideia de luta oposta à de sua mãe negra, Luiza Mahin, tendo sido presa por suspeita de envolver-se em planos de insurreição de escravos, por isso tenha talvez participado do Levante dos Malês. Luiza desapareceu.

Quando se trata de luta, o movimento negro nem cita Luiz Gonzaga Pinto da Gama, nascido em 21 de junho de 1830 e falecido em 24 de agosto de 1882. Bruno Rodrigues de Lima recebeu o prêmio de melhor tese de doutorado na Alemanha por ter publicado “Luiz Gama contra o Império”. Conhecer seu conceito de luta passa pela filosofia, além de ser obrigação cívica.

CRÍTICA / LIVRO / O IMPERADOR DA FELICIDADE

Por Isabela Yu (Folhapress)

Da sua casa na região de New England, nos Estados Unidos, Ocean Vuong conta que o clima começou a esfriar, e as folhas no chão mostram que o outono chegou. É a sua temporada favorita. “Estamos nos preparando para o Dia de Ação de Graças, é uma época aconchegante, vejo como a estação do escritor”, diz por telefone. A rotina caseira vem a calhar. Desde maio, o vietnamita-americano rodou o país e a Europa para divulgar “O Imperador da Felicidade”, que acaba de sair pela Rocco.

Vuong foi reconhecido pela crítica - recebeu a “bolsa para gênios” da Fundação MacArthur - e abraçado pela cultura pop. O novo romance mostra Hai, de 19 anos, do outono à primavera. Prestes a cometer suicídio, é dissuadido por Grazina, mulher lituana octogenária com demência. Esquecidos pelas famílias e pela sociedade, eles se tornam amigos e dividem intimidades ao morarem no mesmo espaço. “As pessoas acham essa história exótica, mas o cuidado intergeracional é comum em famílias asiáticas. Sem essa bagagem cultural, talvez ele tivesse vergonha, mas não sou branco, então não consigo imaginar esse cenário.”

O trabalho absorve ideias de seu primeiro romance, o premiado “Sobre a Terra Somos Belos por um Instante” (2019). Levando a cadência da poesia à prosa, a obra foi traduzida para 40 idiomas. Há ecos entre as duas histórias, já que ambas bebem da vida do escritor de 37 anos que estreou com a coletânea de poemas “Céu Noturno Crivado de Balas” (Ed. Âyiné).

Nascido em Saigon, Vuong cresceu no estado americano de Connecticut e, assim como Hai, também se viu em becos sem saída, lidou com o abuso de drogas e trabalhou em redes de fast food. Nesse período, testemunhou colegas escolherem entre a criminalidade e o salário mínimo. “Um amigo me con-

MacArthur Foundation/Divulgação



Ocean Vuong diz que já se viu em becos sem saída

Uma voz dos anti-heróis do capitalismo

Divulgação



vidou para vender drogas, e eu fui. Enquanto estava no carro, percebi como estava nervoso e não ia conseguir fazer aquilo, mas esse caminho fazia sentido para muita gente”, lembra o autor. O uso de drogas funciona como válvula de escape da realidade, mas o humor também pode ser medicamento. “As mulheres da minha família contavam histórias traumáticas sobre o passado e o ar ficava tão denso que elas riam. Era um jeito de entender como a violência era absurda”, lembra.

Ainda que a vida seja dura e os

personagens sejam pobres, eles podem se amparar uns nos outros. “A maioria das pessoas é frágil e medrosa”, diz o protagonista. “Basta conversar com alguém por mais de meia hora para perceber que tudo o que essa pessoa faz é uma farsa para evitar que ela desmorone”.

Para os anti-heróis do livro, a falência do Estado e os sintomas do capitalismo são sentidos na pele - essas pessoas não têm reviravoltas ou ascendem de classe. Dia após dia, batem ponto no trabalho e tentam não sucumbir. Seus dois últimos livros têm um quê de romance de formação, com protagonistas recém-saídos da adolescência que não se sentem em casa no seu país. “Apenas os poderosos e bem-sucedidos têm suas juventudes celebradas, as pessoas nas margens não recebem o mesmo tratamento. Quis escrever um contraponto a isso.”

“Meus personagens nunca fariam algo que eu mesmo não considerarei fazer. A beleza da ficção é criar experimentos e simulações, ver personagens em situações que eu nunca vou viver. Tenho apenas um rascunho da minha vida, mas eles podem ter 15 versões”, comenta o autor.